

# STEFAN ZWEIG LÊ HONORÉ DE BALZAC - A RELAÇÃO BIÓGRAFO E BIOGRAFADO NA CONSTRUÇÃO DA NARRATIVA BIOGRÁFICA

*Carlos Eduardo do Prado*

*Orientadora: Maria Elizabeth Chaves de Mello*

*Doutorando*

**RESUMO:** Esta comunicação analisará a biografia escrita sobre Balzac por Stefan Zweig, tendo como problemática principal a relação entre biografia e biografado e sua conexão com a vida retratada, bem como o espaço ficcional e seus conflitos existenciais. A biografia neste trabalho não será vista como simples reflexo, mas como o vazio a ser preenchido pela pena do autor. Percorreremos o caminho adotado pelo autor na construção do seu personagem e identificaremos os reflexos e as impressões originadas neste envolvente jogo de espelhos, bem como suas contribuições para a construção desta narrativa biográfica.

Na sua obra, Zweig distancia-se da simples enumeração cronológica de fatos ocorridos na vida do seu biografado, revisitando a vida de Balzac, interpretando-a e dando a ela novo sentido, manejando o (s) significado (s) da (s) experiência (s) vivida (s) pelo “outro”. Neste processo, o narrador é o elo fundamental entre o real e o ficcional e suas contribuições criativas são fundamentais para a construção do seu texto. Na arte de escrever e orquestrar as palavras, o personagem ganha vida, e criatura e criador se confundem à medida em que ambos se sobrepõem. A vida e a obra dos dois escritores são indissociáveis neste caso.

Neste romance biográfico publicado após a morte de Stefan Zweig, o autor austríaco proporciona ao leitor a possibilidade de participar desta evocação apaixonante e visceral do célebre escritor francês, responsável pela monumental *Comédia Humana*.

Adorado pelo público, foi ignorado em vida pelos colegas escritores e pela Academia Francesa de Letras, morrendo sozinho, tendo ao seu lado apenas sua mãe e seu amigo, o escritor francês mais famoso da sua época, Victor Hugo.

Sua vida foi um grande romance. E Stefan Zweig o comprova.

**PALAVRAS-CHAVE:** Honoré de Balzac, Stefan Zweig, Biografia, Literatura Comparada

*“A biografia tem valor psicológico fundamental como via de acesso à personalidade de outro homem, dando espaço de poucas páginas o vário curso de uma vida em que a nossa se projeta, como aspiração ou nostalgia”*

Tendo como ponto de partida a fala de Antonio Candido, em seu artigo Limites da biografia, publicado em 1999, na Revista da Unicamp Remate de Males, que eu iniciarei minha comunicação.

Segundo o autor, metodologicamente, a biografia é um instrumento perigoso, pois o biógrafo em seu caminho encontrará uma série de obstáculos que poderão influenciar seu trabalho, como por exemplo, o “estabelecimento de um nexos casual direto entre o personagem e os acontecimentos, que parecem decorrer da sua vontade ou da sua influência, ou ainda “a relação pessoal que se estabelece entre biógrafo e biografado, em toda biografia realmente vivida”, sendo a biografia local onde trava-se de modo insensível um diálogo entre esses dois indivíduos, podendo trazer para esta escrita um aprofundamento humano, mas também uma certa deformação subjetiva.

Tanto em uma biografia histórica, quanto em uma biografia de vocação literária, o ideal seria que ela possa funcionar como meio de conhecimento e interpretação sobre o indivíduo e ao mesmo tempo esclarecer sua natureza e a sociedade em que viveu.

Stefan Zweig, autor austríaco conhecido no mundo todo, pelas suas novelas e principalmente pelas suas biografias, soube combinar em na sua arte de contar a vida dos outros, o rigor documentário e fantasia, com destaque para a sua interpretação psicológica dos seus personagens biografados. Ele continua um dos autores estrangeiros mais lidos na França. Chave para o seu sucesso, retiro das palavras do próprio autor que nos dá uma convincente explicação: se diz um escritor conciso e eficaz.

Paris, a cidade da eterna juventude como ele mesmo a intitula em sua autobiografia, foi para Zweig quando jovem, a conquista da verdadeira liberdade.

Em sua autobiografia, intitulada *O mundo de ontem*, Stefan Zweig afirma que ao estar em Paris em 1904, além de toda esta agitação cultural e mundana, ele buscava a Paris de Henri IV, Louis XIV, como também a Paris de Napoleão e da Revolução Francesa, a Paris de

Balzac, de Zola. Todas as imagens de uma França representada em sua grande literatura já lhe era familiar, estando naquele momento apenas tonando-se viva no encontro do jovem escritor com a cidade luz.

Honoré de Balzac surge como admiração, como exemplo de produção literária a ser seguido. Foi em 1920 que o escritor austríaco escreveu seu primeiro ensaio sobre o gênio do realismo francês, Balzac. Na série *Três mestres*, que faz parte da obra *intitulada “Os construtores do mundo”* cujo objetivo é mostrar que, o mundo é realmente construído não por soldados, nem reis, nem imperadores, nem homens de ação, mas sim por artistas, no caso, escritores. Em um mesmo volume encontraremos Dostoievski, Balzac e Dickens. Combatentes, lutam por suas ideias, seus sonhos. Ao invés de destruir, esses guerreiros oferecem sua obra para o planeta.

Sobre o mestre do realismo francês, Stefan Zweig escreverá cinquenta páginas onde demonstra total devoção ao grande escritor francês. Neste primeiro ensaio sobre Balzac, Zweig compara o francês a Napoleão, traçando um paralelo entre os dois. De forma semelhante, ambos criaram um mundo com força e capacidade de criação além da normalidade.

Se por um lado Napoleão, político, guerreiro deve às armas tudo o que ele conquistou, sonhou e conseguiu refazer a Europa, deslocando as fronteiras, o artista Balzac, também promoveu uma grande mudança no cenário literário, com tinta e pena. Mas para Zweig, há uma pequena diferença entre o militar e o homem das letras: para ele, Zweig, a realização de Balzac é eterna. As armas se calam, os livros jamais.

Humanista e pacifista, Stefan Zweig considera a arte missionária, educadora, com o ideal de tornar os homens melhores.

Com Viena tomada pelo Reich nazista, Stefan Zweig não consegue mais publicar na Áustria. Vê-se obrigado a iniciar uma grande caminhada como exilado, passando por Londres, Nova York e tendo Petrópolis, região serrana do Rio de Janeiro, a sua última parada.

Escritor de sucesso, ele já havia publicado várias biografias como Émile Verhaeren (1910), Joseph Fouché (1928), Maria Antonieta (1932), Erasmo (1934), Maria Stuart (1935), Fernão de Magalhaes (1938).

Ao deixar a Áustria, Stefan Zweig queimou todos os seus escritos, salvando apenas o rascunho do seu tão querido Balzac. Em janeiro de 1939, quando ele o recupera, já no exílio em Londres, Zweig não deseja apenas construir uma biografia, mas uma obra em dois volumes, na qual o primeiro seria sobre a vida do escritor francês, e o segundo sobre sua obra.

Mesmo abatido com as atrocidades com todas as atrocidades de o avanço dos nazistas na Europa, Zweig quer deixar para a posteridade três obras que ele considera importante: suas memórias, um romance e seu Balzac. Em uma carta a seu amigo Romain Rolland, do dia 27 de maio de 1939 ele explica ao amigo que “todo este projeto levará mais ou menos uns dois anos, e que o tempo de fazer coisas pequenas já passou para ele. É preciso fazer algo que seja realmente definitivo.”

Durante o verão de 1939, em Bath Stefan Zweig começa a trabalhar arduamente na sua autobiografia, e na escrita de Balzac. Em fevereiro de 1940, ele passará alguns dias no chateau de Chantilly, onde seu proprietário guardava toda a correspondência de Mme Hanska, depois da sua morte em 1882.

Porém, a ofensiva alemã continua a avançar e com a tomada de Paris, Zweig deixa a Inglaterra e passa a morar em Nova York, deixando para trás, seiscentas páginas escritas do seu primeiro manuscrito sobre Balzac e cerca de duas mil páginas de anotações sobre a vida e a obra do escritor francês.

Neste interim, acredita que seu manuscrito deixado na Inglaterra, tenha sido confiscado pelos alemães. Zweig está cada vez mais assustado com o avanço de Hitler na Europa. Vivia com se uma sombra o acompanhasse, que paulatinamente envolvia cada vez mais em seus pensamentos.

Será em novembro de 1941, já instalado em Petrópolis, que Stefan Zweig completará sua autobiografia *O mundo de ontem* e que ele recebe enfim a primeira parte do Balzac que ele havia deixado na Inglaterra. Mas Zweig não é mais o mesmo. Ele não possui mais forças para retomar o trabalho hercúleo de completar um dos seus últimos projetos em vida. Em Petrópolis encontra dificuldades para pesquisar a obra de Balzac. Com apenas uma biblioteca na cidade, se vê impossibilitado de continuar este trabalho.

Então, no dia 28 de novembro daquele ano, no seu aniversário de sessenta anos, Lotte (sua segunda esposa) e Victor Wittkowski, jovem escritor brasileiro, dão à Zweig a obra

completa de Balzac e o famoso Balzac de Taine de 1866. Todos que estão à sua volta, têm apenas um objetivo: tentar trazer um pouco de luz no meio deste abismo negro, que havia tomado conta de Zweig.

Apesar de todos os esforços infelizmente, nada conseguiu mudar o destino do grande escritor.

Desta forma, publicada postumamente, a biografia sobre Balzac, obra sobre a qual eu trabalho na minha tese de doutorado, é a primeira parte do projeto inicial de Stefan Zweig. De forma magistral, Zweig constrói sua narrativa sobre Balzac misturando trechos da obra e também da correspondência entre o escritor, seus familiares, seus amigos e suas amantes.

Zweig trabalha como um cirurgião, transformando o mito Balzac em um personagem. A arte de Stefan Zweig está na sua capacidade de preencher os espaços vazios da narrativa biográfica, transformando toda a história do biografado. Ele age nos pontos onde a imperfeição da vida real deixou suas marcas e através do seu toque ficcional, que só um grande artista seria capaz de fazer, transforma este novo ser e esta nova realidade em algo que se encontra no limite entre a realidade e ficção.

O livro *Balzac – le roman de sa vie*, é constituído por um conjunto de seis capítulos, intitulados livro I – A infância e o início de tudo, livro II – Balzac se construindo como escritor, Livro III – O nascimento do romance, Livro IV – Esplendor e miséria do romancista Balzac, Livro V – O criador da Comédia Humana e Livro VI – Últimas conquistas e morte de Balzac. Juntos formam a espinha dorsal desta biografia escrita por Stefan Zweig, na versão original alemã, com sua versão francesa datada de 1950, pela Édition Albin Michel.

Os livros (capítulos) possuem, por sua vez, outros subcapítulos que vão construindo, no desenrolar da história, os cenários importantes para cada etapa de vida do escritor francês.

Habilidoso na arte de fazer o relato biográfico, o autor Stefan Zweig se utiliza de um narrador presente no momento de cada ação do personagem principal, como se estivesse ao lado do mesmo e observado o ocorrido para que depois pudesse nos contar. Como por exemplo, quando ele, em determinado momento, ao narrar o processo de criação do genial Balzac, o narrador-observador, de forma clara e direta, demonstra incerteza ao tentar dizer em qual fornecedor exato Balzac comprava seu café, visto que ele, o narrador, havia acompanhado o escritor algumas vezes nessas compras.

[...] Ce café se composait de trois espèces de grains : Bourbon, Martinique et moka. Il achetait le Bourbon rue du Mont-Blanc, le Martinique rue des Vieilles-Audriettes, chez un marchand qui sans doute n'a pas encore oublié cette glorieuse recette et le moka, dans le faubourg-Saint-Germain, rue de l'Université, mais je ne saurais plus dire chez quel marchand quoique j'aie accompagné bien des fois Balzac dans ses achats. C'était chaque fois une demi-journée de marche à travers Paris, mais un bon café valait cela pour lui. (ZWEIG. 1950, p. 177)

Esta conversa agradável, quase um bate papo, nos acompanha durante o livro todo. Em determinados momentos, nos quais o narrador falará diretamente com seus leitores, deixando bem claro ao leitor que aquilo que ele está nos contando é verdade, ele vivenciou, e é através dele que você, no presente, é transportado para o passado. É a história através dos seus olhos, através da sua versão.

Datas, locais, pessoas são citadas dando a veracidade necessária para que o leitor não feche o livro, porém a arte de contar não está baseada simplesmente em uma enumeração de datas, fatos e personagens. As lacunas são preenchidas pela imaginação, evidenciando o fictício em um relato pretensamente verdadeiro.

Como em um jogo de espelhos, biógrafo e biografado possuem muitas características em comum. Se Balzac passou sua vida toda a correr dos credores, Zweig não encontrou seu lugar no mundo. Sempre se sentindo estranho diante das atrocidades cometidas pelos seus compatriotas, a vida de eterno exilado tornou-se realidade. Aos dois, pode-se dizer que os momentos mais críticos foram os mais férteis para a produção de grandes obras e a partir das mãos de cada um, uma época foi eternizada.

Sobre o Brasil, tanto Balzac, quanto Stefan Zweig imaginavam uma vida nova neste país longínquo não corrompido pela civilização, país das possibilidades ilimitadas, aventuras perigosas e paixões selvagens.

Em determinado momento da sua vida, em uma de suas correspondências à condessa Hanska, Balzac financeiramente falido diz à sua amada que o Brasil, sua única possibilidade de enriquecimento, pois na França com apenas a sua produção literária, ele acredita não conseguir sair desta situação calamitosa. Alguns dos seus personagens como: o marques de Aiglemont em *A mulher de trinta anos*, Rafael Valentin em *Pele de Onagro*, o conde Carlos

Mignon em *Modesta Mignon* e Carlos Grandet em *Eugênia Grandet* também passaram pelo mesmo momento crítico e claro, foi no Brasil que todos enriqueceram e puderam se recuperar.

Diferente dos seus personagens que se arriscaram e enriqueceram no Novo Mundo, Balzac abandona rapidamente o seu projeto mirabolante de mudar para o Brasil. Alguns meses depois, ele tranquiliza a condessa Hanska, informando-a que ele havia adiado a execução do seu projeto no tocante ao Brasil. Terminando a frase com a seguinte afirmação: “*A gente ama tanto a França!*”

Já na biografia de Balzac escrita por Stefan Zweig, o escritor francês após diversas tentativas para tentar conseguir superar seus problemas financeiros, encontra-se desesperado e sem saída. Com 42 anos, pobre, endividado, rejeitado pela Academia Francesa de Letras, Balzac passa por um momento difícil. Então, o narrador nos lança a seguinte pergunta: *Seria possível ainda, como os outros homens, ele (Balzac), descansar e viver tranquilamente sem se preocupar com nada?*

E logo em seguida ele nos diz que Balzac gostaria muito de deixar a França, a Europa e ir viver no Brasil. Segundo ele, lá no Brasil, tem um imperador chamado D. Pedro e que o soberano poderá lhe salvar, oferecendo ao escritor um teto. Com isso Balzac, passa a estudar através de livros um pouco mais o Brasil, país que **ele** sonha morar.

Como na realidade, o plano de abandonar a França e viver no Brasil não é concretizado por Balzac. Realidade e ficção se encontram, a condessa Hanska acaba de ficar viúva e encontrava-se livre para se entregar à sua paixão pelo famoso escritor francês.

Stefan Zweig, escreve a biografia de Balzac quando já se encontrava no exílio na Inglaterra, e conforme o tempo passava, se sentia mais ameaçado com o avanço dos alemães na Europa. A primeira visita ao Brasil, em 1936 já havia acontecido. No Brasil, Zweig foi muito bem recebido e encantado com a natureza e a vida no Rio de Janeiro, com sua convivência pacífica entre diferentes etnias, prometeu voltar!

Biógrafo e biografado, realidade, ficção, em mais um momento a história dos dois se cruzam. Será no Brasil, em Petrópolis, na cidade de Pedro que Stefan Zweig encontrará o refúgio para viver tranquilamente, sem se preocupar com nada. Até quando?

Para François Dosse (2015), “escrever a vida é um horizonte inacessível, que, no entanto, sempre estimula o desejo de narrar e compreender”.

Em momentos de extrema tensão ou mesmo de crise, a situação narrativa reflete, ou não, a busca pelo autor/personagem, da sua imagem perdida frente ao espelho, frente à vida?

A biografia, a meu ver, não deve ser considerada como simples reflexo do real, mas como um vazio a ser preenchido pela pena do autor/personagem. O tempo vivido, agora biografado, permite que os personagens se liberem dos limites impostos pelo real.

Zweig atua como elo entre o universo ficcional e o real e suas contribuições, possíveis intervenções e distorções são de extrema importância para a construção narrativa biográfica, pois será ele o responsável pelo trânsito entre estes dois universos. Neste espaço ele cria, neste espaço ele se projeta.

Ao biógrafo, é dado o poder de preenchimento das lacunas documentais, como também dos lapsos temporais presentes na unidade narrativa da vida de um personagem. Ao romancista, quando lhe faltam fontes para a construção da sua obra, é dado a ele o recurso da fantasia.

Quanto ao biógrafo, segundo LEJEUNE (2014), na tentativa de manter-se o mais fiel e possível da vida verdadeira do seu personagem, ele está fadado a percorrer um caminho mais difícil. Um caminho que mantém, lado a lado, a ciência e as maravilhas da arte, a verdade sensível do romance e as mentiras eruditas da história.

A Stefan Zweig, biógrafo e romancista, são dadas as duas ferramentas de criação. Da sua pluma fatos viram *estória*. Nela, o passado é eternizado e o que é real e fictício se confundem.

Sendo assim, o gênero biográfico transita entre *mimesis* e vidas imaginárias, misturando erudição, criatividade literária e intuição psicológica. O envolvimento do biógrafo com o personagem biografado torna-se visceral.

É a partir do século XIX que dois polos surgem, um no qual os historiadores, ao descreverem e/ou explicarem o passado, deveriam fazê-lo de maneira racional e objetiva, e outro no qual os homens das letras reinventariam os fatos de acordo com a sua imaginação e subjetividade.

Desta forma, com a delimitação das fronteiras entre ciência e arte, com a cisão entre a biografia e a história, passa a biografia a ser prestigiada pela literatura.

Neste momento, todos os livros que tratassem o passado seriam questionados sobre a sua historicidade ou ficcionalidade. Aos que ousaram tentar cruzar esta fronteira imposta entre a ciência e a arte, foram considerados pouco sérios. Segundo SCHMIDT (2014), hoje, “contudo assistimos cada vez mais a uma série de redefinições e deslocamentos fronteiriços: o mais notável, sem dúvida é aquele que reaproxima história e literatura”.

Ainda segundo o mesmo autor, nos últimos anos, alguns historiadores procuraram examinar as diferentes facetas dos personagens e não apenas os feitos notáveis deles, promovendo o aparecimento em seus textos de outros elementos, como os sentimentos, o inconsciente, a cultura, a vida privada e o cotidiano.

Por sua vez, na literatura, com maior liberdade para deixar agir a imaginação, a exaltação do indivíduo ocorre de maneira mais categórica, na qual o mundo retratado é comandado por um conjunto infinito de possibilidades. A subjetividade dos personagens e a quebra da linearidade do tempo criam e recriam as trajetórias individuais destes indivíduos biografados.

Qualquer escolha mais rígida, na busca de uma verdade social ou psicológica no relato de vida, acarretaria no empobrecimento da narrativa, tirando dela toda a magia da literatura.

Balzac teve uma vida marcada por exageros sem limites. Paralelamente a uma produção monumental, ele arriscou-se em negócios como gráficas e revistas e chegou até mesmo a comprar minas de prata na Sardenha. Todos os negócios, com possibilidade de enriquecer, foram um fracasso.

Escreveu para tentar pagar suas dívidas. Em uma jornada de trabalho, chegava a escrever por até 18 horas seguidas. Ritmo alucinante, nunca teve sossego financeiro, pois sua mania de grandeza o deixava cada vez mais endividado.

Será no final da sua vida, com a maturidade pessoal e artística, que Balzac encontrará a mulher que mudará toda a sua história.

A condessa Hanska, nobre polonesa, fã apaixonada pela sua obra, será a pessoa que proporcionará ao escritor a tão sonhada riqueza e tranquilidade. *Enfin, une femme et une fortune!*

Tranquilidade efêmera. Na madrugada do dia 18 de agosto de 1850, ao lado apenas da sua mãe, figura contraditória na sua vida, Balzac dá o seu último suspiro.

Ignorado em vida por quase todos os colegas escritores, dentre eles, Victor Hugo, Alexandre Dumas Sainte-Beuve, seu corpo foi conduzido pelos mesmos até o cemitério Père-Lachaise, local de onde seu ambicioso personagem Rastignac, promete conquistar Paris. Recomeço de vida para um, última morada para o outro.

Vida e obra se confundem. Autor e personagem se encontram.

Finalizo minha comunicação, ressaltando que Stefan Zweig o lançar mão da valorização do espaço entre a vida e a obra dos seus biografados, na tentativa dialógica que mistura a factualidade e a ficcionalização do sujeito biografado, ele nos serve de guia para a valorização desse espaço entre a vida e a obra, numa mescla tal que as duas dimensões acabam por se confundir e desta forma produz um retrato capaz de traduzir a força titânica de Balzac e se assim podemos dizer, do próprio Stefan Zweig.

## REFERÊNCIAS

BALZAC, Honoré de. *A consciência artesanal in. Uma ideia moderna de literatura – textos seminiais para os estudos literários (1688-1922)*. Trad. de Sandra Regina Guimarães. Santa Catarina: Argos, 2011.

BOURDIEU, P. *A Ilusão biográfica*. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (org.) *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996.

CANDIDO, A. *Limites da biografia*. Revista Remate de Males - UNICAMP – ISSN: 0103-183X, Campinas, 1999. Acesso dia 18/04/2017 às 21h59.

CANDIDO, A. *Perenidade da biografia*. Revista Remate de Males - UNICAMP – ISSN: 0103-183X, Campinas, 1999. Acesso dia 18/04/2017 às 21h59.

DOSSE, F. *O desafio biográfico – Escrever uma vida*. São Paulo: EDUSP, 2015.

ISER, W. *O fictício e o Imaginário – Perspectiva de uma antropologia literária*. Trad. Johannes Kretschmer. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1996.

LEJEUNE, P. *O pacto autobiográfico – de Rousseau à Internet*. Trad. de Jovita Maria Gerheim Noronha e Maria Inês Coimbra Guedes. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2014.

RONAI, P. *Balzac e a Comédia Humana*. 4 ed. São Paulo: Globo, 2012.

\_\_\_\_\_. *A comédia Humana – estudos de costumes e cenas da vida privada*. V.4. 3 ed. São Paulo: Globo, 2012.



SCHMIDT, B.B. *Biografia e regimes de historicidade*. Revista Méti: história & cultura - v.2, n.3, p. 57-72, jan. / jun. Caxias do Sul, RS, 2003.

\_\_\_\_\_: *Biografia: um gênero de fronteira entre a História e a Literatura*. In: *Narrar o passado, repensar a História / Margareth Rago ... [et. al.]*, orgs. 2 ed. Campinas, SP: UNICAMP/IFCH, 2014.

SOUZA, R. A. *Uma ideia moderna de literatura – textos seminais para os estudos literários (1688-1922)*. Chapecó, SC : Argos, 2011.

ZWEIG, S. *Balzac- Le roman de sa vie*. Paris : Editions Albin Michel.,1950.

\_\_\_\_\_. *Trois maîtres : Balzac, Dickens, Dostoïevski*. 1.ed. Paris, Atrium Press, E-Book. ISBN 9782253175254, 1976. Disponível em: <<http://www.livredepoche.com/>>. Acesso em 10 de junho de 2016.

\_\_\_\_\_. *Maria Antonieta – retrato de uma mulher comum*. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

\_\_\_\_\_. *Autobiografia: o mundo de ontem*. Rio de Janeiro. Zahar, 2014.